

com Brasil

Analistas vêem segundo semestre na economia com otimismo e cautela

Resultados do trimestre não devem excluir as reformas estruturais

Claudia Moretz-Sohn,
Flávia Oliveira e Roberto Machado

• Um otimismo cauteloso. Alguns dos principais analistas do país sintetizam assim as expectativas quanto à economia brasileira no segundo semestre. Apesar da rápida recuperação do segundo trimestre, os economistas alertam que o país precisa concluir rapidamente o ciclo de reformas estruturais, sob pena de novas ondas de instabilidade.

A retomada do crescimento econômico é certa. Mas, no acumulado do ano, o país deverá ter queda do PIB — ainda que abaixo das previsões. O ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira, hoje consultor da Merrill Lynch, diz que já no segundo semestre o Brasil deverá ter um crescimento de 2% do PIB:

— Estou otimista com cautela. A inflação estará menor no segundo semestre, os juros estão em queda e a produção vai ter recuperação. Mas se as reformas não andarem, estaremos vulneráveis a qualquer choque externo e interno a partir do ano que vem.

O alívio da balança comercial também é consenso. O economista-chefe do Banco Bilbao Vizcaya, Octavio de Barros, prevê que, de agosto a dezembro, as exportações terão um crescimento mais de 10% superior ao do mesmo período de 1998. No ano, o aumento será de 1%. Barros salienta que os preços de commodities como açúcar e café — que chegaram ao nível mais baixo das duas últimas décadas — já se recuperam.

Meta de superávit deve ser atingida com folga

Tradicionalmente, para a atividade econômica, o segundo semestre é sempre melhor. No terceiro trimestre, a indústria começa a produzir para o Natal. No quarto, é a vez do comércio, com as vendas de fim do ano. Para o economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, desta vez há outros indicadores que autorizam o otimismo:

— A primeira razão é estatística: o segundo semestre do ano passado foi muito fraco, o que torna mais favorável a base de comparação. Além disso, os juros devem ficar bem abaixo das taxas do primeiro semestre, o que estimula a produção. E a volta da credibilidade tende a aumentar os investimentos em privatizações.

Para Abate, porém, tudo vai depender dos riscos internacionais e do andamento do ajuste fiscal — que, para ele, continua a ser o maior problema do país. Abate e Barros apostam que a meta de superávit primário acertada com o FMI para este ano, de 3,1% do PIB, será atingida com folga. ■